

NOME: MÁRCIO EURÉLIO RIOS DE CARVALHO

TÍTULO: CINE-MEPHISTO (MOSTRA DE EXTENSÃO DE PELÍCULA HISTÓRICA): APONTAMENTOS SOBRE O PROJETO DE EXTENSÃO "CINEMA, HISTÓRIA E POLÍTICA" (CAMPANHA – MG).

AUTORES: MÁRCIO EURÉLIO RIOS DE CARVALHO, MÁRCIO EURÉLIO RIOS DE CARVALHO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAEx/UEMG – Programa de Apoio a Projetos de Extensão da UEMG.

PALAVRA CHAVE: CINE-MEPHISTO, "LETRAMENTO HISTÓRICO", MULTICULTURALISMO

#### RESUMO

CINE-MEPHISTO (Mostra de Extensão de Película Histórica): apontamentos sobre o projeto de extensão "Cinema, História e Política" (Campanha – MG).

Márcio Eurélio Rios de Carvalho

A Mostra de Extensão de Película Histórica (Mephisto) parodia o filme homônimo dirigido por István Szabó de 1981, baseado no romance de Klaus Mann de 1936, que trata da trajetória de um sujeito (Hendrik Hölggen), dividido entre suas convicções pessoais e sua escolha em manter uma carreira profissional, ainda que aderindo ao Nazismo.

A ideia original do projeto era selecionar filmes com temática histórica, que pudessem promover o debate sobre "seu conteúdo histórico e político, suas características estéticas, sua inserção na história do cinema e sua relação com os respectivos contextos de produção". Num "regime de historicidade" marcado pelo "presentismo" (François Hartog) e, paradoxalmente, por uma hiper-valorização do passado através da musealização e patrimonialização, o projeto "permite o acesso e a reflexão acerca dessas relações entre passado histórico, memórias públicas e sociedade através dos filmes". Num primeiro momento foi feita uma discussão sobre as conexões entre cinema e História, o cinema-história como gênero fílmico, e as diversas modalidades de filmes com temática histórica (ambientação, projeção, fundamentação, reportagem históricas, e documentário histórico – Docudrama).

Partindo-se da concepção de que o filme histórico pode ser um viés para o "letramento histórico" (Peter Lee), partimos das investigações na área da Educação Histórica preocupadas com a consciência histórica (Jörn Rüsen) dos alunos em processo de aprendizagem histórica. Partindo-se da perspectiva rúseana de que a consciência na atualidade não é homogênea, tentamos perceber as diferentes formas de geração de sentido histórico (tradicional, exemplar, crítico e genético) nas obras analisadas e nas interpelações feitas após a sua exibição.

Toda aprendizagem histórica deve ter como ponto de partida o presente, pois, deve-se partir "do pressuposto de que se aprende História porque a vida cotidiana nos impõe determinados interesses relacionados à nossa necessidade de orientação no fluxo do tempo (passado, presente, futuro) e de nos apoderarmos do passado, a partir do presente, por meio do conhecimento" (SCHMIDT, 2011, p. 83). Em nossa formação histórica, a base multicultural está fortemente presente e, em toda ela as relações interétnicas têm sido uma constante, permeada pela violência e exclusão dos grupos indígenas, africanos e afrodescendentes. Neste sentido, para a primeira etapa do trabalho foram selecionados filmes que tratassem da temática étnico-racial em contextos históricos diversos: no sul dos EUA (O nascimento de uma nação) e no Brasil (Vazante). "O nascimento de uma nação" (2016) se aproxima da categoria de "filme com fundamentação histórica", na medida em que a temporalidade é delimitada, tendo a "História o elemento organizador da narrativa" (FERREIRA, 2018, p. 80). Embora o roteiro se baseie no contexto histórico específico do primeiro passo para o fim da escravidão nos EUA, e tenha demandado pesquisa histórica, isso não significa que a reconstituição dos fatos, personagens e cronologia sejam fidedignas. Ao contrário, "Vazante" (2017) é um "filme de ambientação histórica", cuja "estrutura narrativa não tem foco na busca dos indícios dos acontecimentos e sujeitos históricos, mas a ambientação temporal permite o estabelecimento de inferências históricas" (FERREIRA, 2018, p. 75). Contudo, nenhum deles tem na "reportagem histórica" seu mote principal. Enquanto no primeiro há uma predominância do modo de sentido histórico exemplar (o passado reforçando regras de conduta e padrões históricos dominantes), no segundo, o modo de sentido crítico se estabelece na narrativa, na medida em que se produz uma contra-história que questiona a visão de domínio senhorial e o lugar ocupado pela mulher na sociedade colonial.

E por isso, a questão norteadora dos debates foi o de perceber as possibilidades, mas também os limites pedagógicos no uso de filmes que se utilizam de alegorias, representações do presente projetadas no passado histórico, quando não descambam em erros anacrônicos que podem levar a confusões sobre dada realidade histórica. Se a história pública atualmente tem procurado aproximar o saber histórico acadêmico (científico) das diversas formas de saber histórico que circulam e se difundem no espaço social, quaisquer filmes com temáticas históricas, uma vez que são recepcionados e apropriados distintamente pelo público consumidor, devem merecer uma atenta e cuidadosa análise do historiador e/ou professor de História. Não se trata de hierarquizar conhecimentos, criticando os filmes pela falta ou excesso, de modo a manter como único lugar de fala o da ciência de referência. Trata-se de buscar um "diálogo com as práticas e reflexões não acadêmicas comprometidas com a problematização da cultura histórica" (FERREIRA, 2018, p. 72).

Palavras-chave: Cine-Mephisto, "letramento histórico", multiculturalismo

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. Introdução à História Pública. SP: Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (orgs.). História Pública em Debate: patrimônio, educação e mediações do passado. SP: Letra e Voz, 2018.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Luz, Câmera e História: práticas de ensino com o cinema. BH: Autêntica, 2018.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTIAGO, Ricardo (orgs.). História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. SP: Letra e Voz, 2016.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (orgs.). A escrita da história escolar: memória e historiografia. RJ: FGV, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). Jörn Rüsen e o ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.